



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso: Comunicação Social
Habilitação: Jornalismo
Orientador: Marccone Gonçalves

Camila Mondini de Souza
RA: 2026439-0

O PAPA FALA. A IMPRENSA CALA: DESINTERESSE DO JORNALISMO IMPRESSO

BRASÍLIA
MAIO, 2006

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Curso: Comunicação Social
Habilitação: Jornalismo
Orientador: Marccone Gonçalves

CAMILA MONDINI DE SOUZA

**O PAPA FALA. A IMPRENSA CALA:
DESINTERESSE DO JORNALISMO IMPRESSO**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo. Orientador: Marccone
Gonçalves.**

**BRASÍLIA
MAIO, 2006**

CAMILA MONDINI DE SOUZA

**O PAPA FALA.A IMPRENSA CALA:
DESINTERESSE DO JORNALISMO IMPRESSO**

BRASÍLIA, _____ DE _____ DE 2006

APROVADO EM

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Prof. _____

Prof. _____

“O que era desde o princípio, o que temos ouvido,
o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado
e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida –
porque a vida se manifestou, e nós a temos visto;
damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna,
que estava no Pai e que nos manifestou –
o que vimos e ouvimos nós vos anunciamos,
para que também vós tenhais comunhão conosco.
Ora, a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo”.
(I Jo, 1-3)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar como a mídia impressa divulga as matérias sobre religião. Para esse estudo, delimitou-se o tema para o caso específico das notícias publicadas sobre as encíclicas papais nos jornais *O Correio Braziliense*, *Folha de São Paulo* e *o Estado de São Paulo*. O trabalho foi dividido em quatro partes: a primeira discute a questão da comunicação, seus primórdios e importância; sobre a comunicação em relação à Igreja e finalizando o primeiro capítulo é apresentada uma breve história do Cristianismo e caracterização do Catolicismo. A segunda parte traz conceitos de jornalismo, como notícia, objetividade, fontes e estrutura da notícia. O terceiro capítulo traz o resultado das pesquisas realizadas nos veículos citados acima sobre a publicação das encíclicas *Fides et Ratio*, *Esplendor da Verdade* e *Deus é Amor*. A quarta parte conclui o trabalho com um panorama da atual cobertura jornalística sobre religião e como essa poderia ser feita.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Religião. Encíclica. Notícia. Objetividade. Jornalismo impresso.

Sumário

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>7</u>
<u>A COMUNICAÇÃO.....</u>	<u>9</u>
COMUNICAÇÃO E IGREJA.....	11
ENCÍCLICAS	13
DIFUSÃO DO CRISTIANISMO	13
CATOLICISMO	15
<u>CONCEITOS GERAIS</u>	<u>16</u>
NOTÍCIA É	16
ESTRUTURA DA NOTÍCIA	19
OBJETIVIDADE.....	20
CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES.....	21
NOTÍCIAS SOBRE RELIGIÃO	22
<u>AS ENCÍCLICAS NO NOTICIÁRIO</u>	<u>23</u>
O ESPLendor DA VERDADE	23
FIDES ET RATIO	26
DEUS É AMOR	27
<u>A IMPRENSA NÃO FALOU.....</u>	<u>29</u>
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>32</u>
<u>ANEXO A - PLANILHA UTILIZADA PARA ANÁLISE DE OBJETIVIDADE DAS MATÉRIAS</u>	<u>34</u>
<u>ANEXO B – MATÉRIAS ANALISADAS NO CAPÍTULO TRÊS</u>	<u>37</u>

Introdução

Religião é um tema bastante polêmico. São poucos aqueles que gostam de discutir o assunto. Assim também parece acontecer com o jornalismo. Poucas são as matérias desse tema que encontramos nas páginas dos jornais, ao menos que um acontecimento relevante chame a atenção dos meios de comunicação, como as reportagens já publicadas sobre padres que cometem pedofilia ou a morte de um líder religioso.

Talvez por receio, os veículos de notícia não dão muito espaço às matérias que podem ser interpretadas como um partidarismo da empresa. Um texto tendencioso deixa margem para que os leitores interpretem um tema como uma opinião ou defesa do jornal.

Nesse trabalho, através de pesquisas sobre a importância da comunicação, conceito de notícia e critérios de objetividade, será mostrado que é possível a publicação de uma matéria que fale de religião ser objetiva e interessante e que essas matérias podem ser um material diferente e de relevância que se destaque no meio de tantas outras notícias publicadas num mesmo jornal.

Para chegar a uma conclusão, o trabalho começa com um entendimento sobre o que é comunicação como se deu seu desenvolvimento, qual sua importância e como a comunicação atua no meio religioso. Depois apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos do jornalismo para, no próximo capítulo, analisar como as matérias de religião têm sido publicadas.

O estudo é destinado àqueles que se interessam pelas diversas especializações na área do jornalismo impresso, pelo processo de construção da notícia e por religião. E tem como objetivo principal nortear outros trabalhos na área de comunicação que desejam analisar a relação da Igreja com o mundo noticioso.

A COMUNICAÇÃO

A comunicação é um dos elementos que sempre fez parte da existência humana. Da comunicação gestual à escrita, passando pela oral e suas demais formas de manifestação, esse é o meio que o homem utiliza e desenvolve ao longo dos tempos para compartilhar idéias, ensinar, expandir conhecimento, divulgar descobertas e difundir ideologias. Foi pela comunicação estabelecida desde os tempos mais remotos que hoje se tem conhecimento de acontecimentos ocorridos desde a Antigüidade até os que aconteceram ontem e hoje.

Até os dias atuais, não se tem certeza de quando o homem começou a se comunicar. Para os estudiosos da evolução humana, foram dos homens primitivos que saíram os primeiros grunhidos como forma de chamar a atenção. Acredita-se que esses primeiros sons eram imitações dos sons da natureza. “Qualquer que seja o caso, o que a história mostra é que os homens encontraram a forma de associar um determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação”. (BORDENAVE, 1982, p. 24)

Surgem aí os signos lingüísticos: uma coisa qualquer que se refere a outra coisa ou idéia e a significação, o uso social dos signos. Ainda segundo Bordenave (1982), a atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular”. Adler e Towne (2002) completam dizendo que apesar dos fatos dos símbolos serem arbitrários, as pessoas agem como se eles tivessem significados. Ou seja, é de um consenso social que a linguagem, a língua foi formada. “A única razão pela qual as linguagens simbólicas funcionam é o fato de que as pessoas concordam sobre a maneira de usá-la”. (ADLER e TOWNE, 2002, p.85)

Essa maneira de □or-los a que se referem os autores acima citados pode ser ilustrada pela invenção das regras gramaticais, sejam elas fonéticas, fonológicas, sintáticas, semânticas ou pragmáticas. Sem as regras de combinação a comunicação seria mais complicada do que às vezes já é! Com um número infinito de signos criados pelo homem, se cada um resolvesse torná-los à sua maneira a comunicação seria dificultada, pois se sabe que muito da significação das palavras depende de seu “lugar” na oração.

Contudo até chegar à elaboração da gramática, foi aos poucos e ao longo do tempo que a humanidade desenvolveu a comunicação por diferentes

meios. Não há dúvida que a fala e os gestos foram as primeiras formas de interação, mas também logo se percebeu o caráter inconstante da fala, sua falta de alcance e permanência. Os desenhos pintados nas paredes das cavernas parecerem, por algum tempo, uma forma de deixar gravado as histórias de pesca, caças e pessoas. (Será que essa forma era um meio de comunicação só dos homens primitivos? Acho que ainda encontramos esses desenhos nas paredes de casas onde habitam crianças! Serão elas seres primitivos?) As figuras pintadas resolveram o problema da permanência da informação, mas assim como a linguagem oral elas não chegavam tão longe.

Para resolver o problema do alcance, o homem inicialmente apelou a signos sonoros e visuais [...]. Mas uma solução mais decisiva foi encontrada com a invenção da escrita, lá pelo século IV antes de Cristo. As mensagens escritas, com efeito, podem ser transportadas a qualquer distância. (BORDENAVE, 1982, p. 26)

Junto a evolução da linguagem e suas diferentes formas de apresentação, aprimorou-se com o tempo também os meios pelos quais eram utilizados. A fala ganhou alcance com a invenção do telefone, as imagens expandiram –se através do cinema e logo depois com a televisão, a escrita então, depois que Gutenberg inventou a tipografia, rompeu barreiras além mar. Hoje a internet vem para mostrar que pode levar tudo isso (imagem, som, escrita) sozinha para qualquer parte do mundo.

Seja pela antiga tradição oral ou pela avançada tecnologia da Internet, famílias, grupos, sociedades, culturas, empresas e demais instituições sociais apropriam-se da comunicação para transmitir costumes, repassar tradições, vender imagens e produtos, divulgar fatos e, quem sabe, até perpetuar a História da humanidade. De acordo com Bordenave (1982) a comunicação não existe por si mesma, separada da sociedade. “Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação”. E continua: “a comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. [...] A comunicação é um processo funcional da necessidade humana de expressão e relacionamento.”

COMUNICAÇÃO E IGREJA

Dentre as variadas formas de organização social, a Igreja, desde seu início, também soube fazer da comunicação seu principal recurso de expansão. Registrou sua história, divulgou sua fé, conquistou fiéis, disseminou pensamentos, ditou regras e estabeleceu-se como uma das Instituições mais forte, poderosa e influente de toda população. O Cristianismo, mais especificamente, permeia a história há dois mil anos e já conquistou cerca de 1 bilhão de adeptos no mundo inteiro.

De acordo com o Anuário pontifício de 2006, o número de católicos no mundo aumentou em 2004, em 12 milhões atingindo um total de 1,098 bilhão de fiéis, o que corresponde cerca de 17% da população mundial. Ou seja, apesar das diversas perseguições e dificuldades pelo cristianismo ao longo dos tempos, a Igreja continua a se firmar como principal religião do planeta. No Brasil, de acordo com o censo de 2000 do IBGE, 73,8% da população é católica, o que corresponde, em média, a 126 milhões de fiéis.

A Bíblia, uma das formas mais antigas da comunicação eclesial, continua sendo o *best seller* desde a chegada da imprensa em 1450, segundo o texto “A Igreja e a Comunicação”. E, hoje, munida de inúmeros meios de comunicação (boletins, jornais, folhetos, rádios, tv) alcança um enorme número de fiéis, extrapola fronteiras e continua a ditar suas tradições, costumes, dogmas e regras.

Cada vez mais é oportuna a divulgação da Doutrina Social Católica. Não só aqueles grandes documentos dos papas, mas as aplicações dos mesmos às realidades econômicas, sociais e políticas de cada país, de cada época. (SANTORI apud BOMBO, 1993)

Aproveitando-se cada vez mais da comunicação e de seus meios a Igreja busca não só conquistar novos adeptos à doutrina de Cristo como também não perder os já existentes para as outras infindáveis religiões que não param de surgir. “O uso dos meios de comunicação atesta a busca de diálogo entre religiosos e fiéis, numa valorização do discurso humano em detrimento de grandes construções teológicas”. (SUZINA, 2000)

Ainda segundo Suzina (2000), os meios de comunicação atingem grupos não só católicos como também aqueles não têm atividade religiosa, mas que necessitam sentir-se inserido em algo tradicional.

A comunicação pode ser aliada à religião em prol de um objetivo que lhes é comum, o de alcançar a interação mais abrangente possível, caracterizando-se ambos, por esta finalidade, como sistemas sociais. (SUZINA, 2000)

Além dos seus próprios meios de comunicação, por onde divulga principalmente questões de fé, a Igreja também se faz presente na mídia em matérias dos noticiários locais e internacionais. Ações do Papa, festas religiosas, escândalos envolvendo padres por vezes ocupam espaço nas páginas dos jornais e nas programações radiofônicas e televisivas. Para este trabalho interessará as matérias divulgadas pela mídia impressa que cobriram a divulgação das encíclicas, através da análise das notícias de três das várias cartas papais publicadas até hoje.

Segundo Puntel (1994, p. 30), em seus primórdios a Igreja voltava o conceito de comunicação para o de comunidade. “A comunidade acreditava que, através do testemunho da fraternidade entre seus membros, a fé poderia espalhar-se externamente para outros”. Mas, com o passar do tempo e com a expansão da cristandade, a Igreja passa a basear a comunicação à sua estrutura hierárquica. É só após a introdução da imprensa que a Igreja volta-se para os meios de comunicação impressa.

Mas foi em 1487, com a publicação da *Inter Multiplices*, que fica registrado o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação. Esse foi o período, no qual a censura ficou a cargo da religião. Eram os líderes religiosos quem diziam o que podia e o que não podia ser lido. Os livros considerados hereges eram proibidos e aqueles que fossem pegos com os escritos censurados ficavam sob da pena da excomunhão e até mesmo da fogueira. O *Index*, publicado pelo papa Paulo IV, em 1559, trazia a relação dos livros proibidos pela Igreja católica. Os documentos publicados nessa época tratavam mais especificamente de princípios morais e atitudes de defesa.

As mudanças de pensamento em relação aos meios de comunicação surgem com o papa Leão XIII (1878 –1903). As atitudes em relação à imprensa começam ser mais abertas. “Por exemplo, a primeira audiência coletiva concedida por um papa a jornalistas ocorreu em 1879.” (PUNTEL, 1994, p. 33). A fé passa ser difundida pelos meios ao seu dispor. E, aos pouco, gradualmente, a Igreja rende-se aos meios de comunicação e passa a torná-los como canal de difusão de suas mensagens.

Encíclicas

As encíclicas são cartas solenes escritas pelo Papa a todos os bispos do mundo e, por meio deles, a todos os católicos. É escrita em latim e traduzida para várias línguas. Segundo o Dicionário Cultural do Cristianismo, as cartas versam sobre um ponto importante da fé ou da moral. Etimologicamente, a palavra é empregada para designar “cartas circulares” enviadas pelos os bispos e colegas de uma mesma região para garantir a unidade doutrinal. Porém a partir de 1740, como a *Epístola Encyclica commonitoria ad omnes episcopos* (Carta circular de advertência a todos os bispos), do papa Bento XIV, o termo encíclica restringiu-se às mensagens dirigidas pelo papa, em forma de carta, a toda Igreja Católica.

O texto oficial é publicado nos *Acta Apostolicae Sedis* (Atos da Sé Apostólica) e no diário *Osservatore Romano* (Observador Romano). Após a tradução das cartas em sete línguas, as cartas também podem ser encontradas em publicações religiosas, livrarias católicas e internet. De acordo com texto publicado no jornal Folha de São Paulo, em 15/10/1998, desde o papa Gregório XVI (1831 – 1846), as encíclicas se multiplicaram tanto que, por meio delas, é possível acompanhar a história da Igreja Católica.

Por seus temas, geralmente, polêmicos ou de relevância social, essas cartas são recebidas pela população, católica ou não, como objeto de reflexão ou crítica. Para Otavio Frias Filho (1998) o objetivo principal das cartas papais é diminuir a defasagem entre a tradição e o mundo atual e elas não devem conter surpresas, uma vez que existe um longo período de dogmas e tradições “que não podem ser descartadas de uma hora para outra, muito menos por um organismo, como a Igreja Católica, cuja força repousa na tradição”.

Esse esforço costuma gerar, nos documentos periodicamente divulgados pelo papa, incríveis malabarismos verbais. As formulações precisam ser, além disso, genéricas o bastante para acomodar os diversos setores do rebanho, conveniência política que nem mesmo um pontífice centralizador como o atual dispensa. (FILHO, 1998)

DIFUSÃO DO CRISTIANISMO

Logo após a morte de Jesus Cristo, os primeiros cristãos reuniam-se para ouvir sua história de vida. Não continuaram com pregações, mas falando de Seus ensinamentos e milagres. Anos mais tarde, os apóstolos de Cristo, dando continuidade ao processo de conversão e evangelização, começaram a produzir

seus primeiros escritos sobre os principais momentos da vida de Cristo e envia-los às novas igrejas. Começa aqui a produção dos evangelhos. Em seguida, Gálatas, Tessalonisenses, Romanos, Conrínios, Efésios, Filipenses e Colossenses recebem as epístolas – cartas – do apóstolo Paulo, nas quais estabelece as fundações da teologia cristã.

Originado do helenismo, segundo o historiador alemão Johann Gustav Draoyesen (apud BARROS, 1975), o cristianismo afirmou-se como religião universal durante três séculos de expansão grega, chefiada por Alexandre Magno por meio de suas conquistas.

Realmente, em torno da Bíblia, iria organizar-se uma civilização com feições próprias, [...] cujo maior esforço será ultrapassar os limites da Judéia, e esta cultura de muitos séculos e largas dimensões geográficas, a cultura grega. (BARROS, 1975)

Sendo o grego a principal língua falada nas sinagogas das cidades do Mediterrâneo, a conversão dos judeus ao cristianismo foi realizada conquistando um grande número de adeptos. Jaeger (apud BARROS, 1975) considera o contínuo processo de tradução das fontes hebraicas fator fundamental para o encontro da cultura clássica com o Cristianismo em grandes proporções, em várias partes do mundo. No séc. II d.C., canibalismo, ateísmo e subversão política eram as principais acusações que os padres da Igreja procuravam responder, aproveitando para conquistar a simpatia dos pagãos à causa de Cristo, de acordo com Barros (1975).

Também no século III, quando o Império Romano entra em crise, a população adere ao cristianismo que passa a expandir-se dentro e fora de Roma.

Para os escravos o espiritualismo cristão e o seu caráter ético era consolador e carregado de esperanças: para os bons cristãos, uma vida melhor após a morte (no paraíso) e, para os maus ou para os pagãos, o contrário (uma vida eterna no inferno). Em última análise, o cristianismo oferecia para os escravos uma alternativa, ainda que após a morte. (VICENTINO e DORIGO, 2001)

Durante a Idade Média, já com vasta influência religiosa, a Igreja passa a exercer importante papel nos setores da vida medieval, “tornando-se um instrumento de **unificação social**, diante da fragmentação política do feudalismo”. (COTRIM, 1997).

A Igreja, que praticamente sustentou-se como única até 1054, dividiu-se em católica romana e ortodoxa. No século XVI, com a Reforma Protestante, liderada por Lutero, diversas comunidades cristãs contestaram alguns aspectos da doutrina católica e fundaram mais três igrejas: a Anglicana, a

Reformada e a Luterana. Desde então, surgiram diversas religiões que se destacavam do evangelho cristão.

Contudo, segundo Hellern, Notaker e Gaarder (2004), devido à importância das missões cristãs, a Igreja católica tornou-se a mais difundida de todas as religiões, além de ter-se constituído como uma das organizações mais fortes e bem estruturadas do mundo: é governada por leis precisamente estabelecidas, o Código de Direito Canônico, e possui uma hierarquia formada pelo papa, bispos e padres. Juntos atuam até hoje com grande autoridade sobre os leigos, sua camada inferior.

Catolicismo

A Igreja Católica, segundo a tradição, foi iniciada por Jesus Cristo, a fim de tornar visível a expressão do reino de Deus na terra. De acordo com Hellern, Notaker e Gaarder, 2004, quatro características principais a distingue das primeiras religiões cristãs: a *unicidade*, desde o tempo dos apóstolos tentou-se que todos os cristãos aprendessem os mesmos preceitos; a *santidade*, “a Igreja é santa porque ensina uma doutrina santa e oferece a todos os meios para a santidade, os sacramentos”, segundo o catecismo católico; o *catolicismo*, que quer dizer universal para todos; e *apostólica*, comandada por pessoas sucessoras dos apóstolos.

Fundamentada na tradição bíblica, a Igreja católica busca na salvação e nos sacramentos (batismo, crisma, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio) as bases para uma vida santa, em conformidade com os ensinamentos de Cristo, a fim de alcançar a graça eterna do encontro com Deus após a morte. A crença em santos e na Virgem Maria, são outras duas características que diferem o catolicismo de outras religiões.

CONCEITOS GERAIS

Um dos objetivos desse trabalho é analisar como a mídia trata a questão da religião nas páginas de jornais, mais especificamente, como a imprensa vem noticiando as encíclicas papais. Qual o espaço dado a essas matérias, como elas são elaboradas, quais as bases de apuração e quais recursos textuais utilizados são alguns dos aspectos que vão ajudar a entender a importância dada pelos jornais às notícias das cartas escritas pelo Papa. Para isso, o entendimento de alguns conceitos se faz essencial.

Esse capítulo traçará em linhas gerais o que faz uma notícia ser notícia; como ela é criada, definida, estruturada e escrita e como são classificadas as matérias de acordo com seu autor e seus elementos textuais.

Notícia é ...

O primeiro conceito aqui discutido será a notícia. Entender porque alguns assuntos ou acontecimentos estão nas páginas dos jornais e outros não, por que determinada matéria está na primeira página e outra na última; uma nota ou uma reportagem especial? Quais os critérios adotados por jornalista e editores na hora de definir o que estará e o que não estará no noticiário de amanhã.

De acordo com o Manual da Redação da Folha de São Paulo, notícia restringi-se ao “puro registro dos fatos sem opinião.” Porém, não é tão simples assim o conceito de notícia. Não é todo fato que, registrado com exatidão, será digno de uma publicação. Para Lage (2002, p. 16) a notícia é definida como “*o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante.*”¹, Hen (1996) aprofunda um pouco mais esse conceito e o coloca como função do jornalismo a definição e caracterização do fato como notícia:

Na função de mediador, [...], o jornalismo apropria-se de uma realidade, desenvolvendo –a ao consumo social, delimitando fronteiras e colocando-se como instância suprema no sentido de definir para as sociedades o que é realidade relevante.

¹ Grifo do autor

Essa realidade relevante descrita por Hen são enumeradas e definidas por diversos autores como valores-notícia, ou seja, características que fazem um acontecimento ou assunto tornarem mais importantes que outros a fim de ocupar um lugar na página do jornal. Para este trabalho os critérios de noticiabilidade terão como base os conceitos elencados por Nelson Traquina. A escolha desse autor foi definida não por se considerar que seus conceitos sejam melhores que de outros estudiosos, mas por torna-los de mais fácil entendimento.

Traquina destaca dez, das principais características, que um fato ou assunto tem que apresentar para merecer algum espaço nas páginas noticiosas de um jornal. São elas: a morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, notabilidade, o inesperado, o conflito, a infração e o escândalo. Esses são os valores relacionados à notícia em si. Encontra-se também no estudo dos critérios de noticiabilidade os valores relacionados às circunstâncias e exigências do trabalho jornalístico: disponibilidade, visualização, equilíbrio e exclusividade.

Para Traquina (2005, p.79), a *morte* é considerada como um valor notícia porque todo mundo um dia fará parte de uma página de jornal quando morrer, nem que seja apenas na sessão dos obituários se for um cidadão comum ou na primeira página, nos casos de celebridades. Para ele, “onde há morte, há jornalista.”

A *notoriedade* refere-se principalmente à importância do ator da notícia. Quanto mais conhecido for o personagem, quanto maior for a importância hierárquica social do envolvido no acontecimento maiores são as chances de o fato virar notícia. Um presidente, um rei ou qualquer outro líder social terá sempre um espaço reservado nas páginas de um tablóide, mesmo que seja apenas para dizer que o presidente da república está resfriado ou porque amanheceu de mau humor por causa da derrota de seu time de futebol no dia anterior.

Um fato será notícia quanto mais próximo estiver de uma sociedade, de um grupo ou de uma cultura. A *proximidade* com o tema fará com que as pessoas se interessem mais por determinado assunto. É muito provável que a sociedade brasileira procure por informações de um grande assalto ocorrido na cidade e que o país inteiro se interesse em saber como aconteceu a explosão da principal usina hidroelétrica que abastece grande número de estados. Esse último exemplo também é útil para entender o conceito de *relevância*. “Este valor notícia responde à

preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas.” (TRAQUINA, 2005, p. 80). Um grande acidente na principal usina de abastecimento de energia do país, provavelmente, deixaria várias cidades sem eletricidade até a solução do problema.

Tudo o que é novo e inédito sempre interessa a alguém. Não é diferente com o jornalismo. A *novidade* é um dos principais valores notícias que podem ser elencados. Assuntos corriqueiros e que acontecem com frequência têm menos possibilidade de ocupar colunas nas páginas dos jornais, ao contrário daqueles que surgem pela primeira vez. O jornal trabalha com o novo, com o atual, mesmo que esse seja um motivo para trazer de volta um acontecimento publicado anteriormente. Como inédito ou como gancho, o novo terá sempre seu espaço reservado e privilégio quando disputar lugar com o velho.

O *tempo* será considerado um critério de noticiabilidade quando associado à atualidade, às efemérides e a longos ou curtos espaços de tempo entre um mesmo acontecimento ou fatos interligados. Exemplos: o que acontece hoje é mais importante que aquilo que aconteceu ontem; dia das mães, natal, páscoa sempre serão notícias, mesmo após um século de comemoração das mesmas datas; dois acidentes de aviões num período de uma semana terá maior repercussão que vários acidentes automobilísticos em um mês, pois a possibilidade do primeiro ocorrer é muito menor que a do segundo; assim como a primeira chuva do sertão nordestino será notícia após nove meses da última que molhou o seco solo da região árida.

A qualidade de ser tangível é o próximo valor notícia. Quanto maior for a visibilidade do acontecimento, maior também será a atenção dos jornalistas para o fato. *Notabilidade* é fundamental para o jornalismo, e como diz o próprio Traquina (2005, p. 82), essa característica “alerta-nos para a forma como o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas.” O acontecimento é algo concreto, mais observável que questões ideológicas ou filosóficas. A notabilidade também é relacionada ao número de pessoas envolvidas no fato ou à inversão, ao contraditório como no tão conhecido exemplo de que notícia é quando o homem morde o cachorro e não quando o animal morde o humano.

O *inesperado* terá continuamente, voltado para si, o olhar atento do jornalista. Tudo aquilo que rompe a rotina e a normalidade poderá ser considerado

um material digno de ser publicado. Na mesma linha encontra-se o *conflito*, seja expresso na violência física ou ideológica. Guerras e conflitos estão diariamente presentes no noticiário, assim como as cenas de crueldade dos assassinatos, roubos, latrocínios e as infindáveis disputas políticas.

A violência não fica restrita ao valor-notícia do conflito. Estende-se à característica da *infração*, a ruptura e transgressão das regras.

Assim podemos compreender a importância do crime como notícia. [...] O crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim grande parte dele é observado pelos meios noticiosos de uma forma igualmente rotinizada. (TRAQUINA, 2005, p.85)

Para finalizar os critérios de noticiabilidade definidos por Traquina, tem-se o valor-notícia do *escândalo*. Interligado ao conceito de infração, o escândalo associa-se as transgressões lideradas principalmente pela política. Desvios de verba pública são os escândalos mais constantes dos noticiários da atualidade. (Mas já são tão previsíveis.. será que ainda podem se enquadrar nesse tópico?)

As características decorrentes das necessidades e natureza jornalística estão de acordo com as idéias de Mauro Wolf (apud MOTTA, 1997). *Disponibilidade* é a primeira apresentada e refere-se ao acesso do jornalista ao acontecimento, se existem fontes disponíveis, fatos concretos para noticiar. A *visualização* está relacionada à disponibilidade de fotos e imagens, no caso da TV, para ilustrar a matéria. A seleção de assuntos que vão ou não entrar para o noticiário faz parte do critério de *equilíbrio* que deve existir no jornal. Um jornal repleto de *hardnews* acabam sendo massante para o leitor, assim como um veículo que enche suas páginas com matérias sobre comportamento e *features* abrem mão da credibilidade. O jornal deve manter um equilíbrio entre as notícias mais pesadas e as de entretenimento. E se tem um critério que é preferido por editores e jornalistas é o da *exclusividade*. O furo de reportagem é tido quase como um prêmio para o profissional que vive atrás de acontecimentos que tenham em seu conteúdo notoriedade, significância, notabilidade, novidade dentre os demais valores que fazem um fato virar notícia.

Estrutura da notícia

Depois de definir o que é notícia e o que faz um fato virar um material jornalístico, serão estabelecidas agora as características de construção das

reportagens. Essa parte do trabalho visa definir os critérios de objetividade, a estrutura do texto noticioso e a qualificação das fontes.

Objetividade

A utopia da imparcialidade não é mais acreditada no meio jornalístico, contudo ainda não são aceitas matérias construídas com base apenas na visão do profissional e, muitas vezes, sua opinião expressa claramente nas linhas do texto noticioso é abominado em quase todos os veículos que se têm conhecimento. Isso também não quer dizer que os jornais não abram espaço para uma análise mais aprofundada do fato a partir de visões pessoais.

Elas existem e estão presentes de forma discreta num Box intitulado *Análise da Notícia*, escrito por uma pessoa que tenha mais conhecimento do assunto e que sua contribuição auxiliará na compreensão e complementação do fato; ou expressas de maneiras mais evidentes nos *editoriais*, local destinado ao veículo para que esse possa posicionar-se acerca de um assunto polêmico ou de alta repercussão; ou até de maneira menos discreta nas páginas de *opiniões*, onde encontra-se os *artigos*, que segundo Melo (1985, p.116), “trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (repórter ou não) desenvolve uma idéia e apresenta uma opinião”. Para esse autor, os artigos são divididos em duas categorias: os científicos, destinados a tornar público o conhecimento e avanço científico; e o doutrinário, o qual se destina a análise de uma questão da atualidade, “sugerindo ao público uma determinada maneira de vê-la ou de julgá-la.” (p. 119).

O Manual da Redação, da Folha de São Paulo, diz que a objetividade vem do relato fidedigno de um fato, e do distanciamento e frieza do jornalista ao redigir a forma, circunstâncias e repercussão de um assunto. Tchumam (1993, p. 74) trata a objetividade como uma estratégia de proteção aos jornalistas de riscos da profissão:

Ao analisar o conteúdo e as relações interorganizacionais, o jornalista só pode invocar seu *news judgement*; todavia, ele pode reivindicar a objetividade citando procedimentos que seguiu e que exemplificam os atributos formais de uma notícia ou de um jornal.

Os procedimentos de objetividade citados por Tchumam (1993) constituem-se no *uso judicioso de aspas*, que entram na matéria como forma de prova suplementar. “Ao inserir a opinião de alguém, eles acham que deixam de participar na notícia e deixam os fatos falar. [...] E embora concordem com todas as

afirmações e termos inclusos entre aspas, estas permitem-lhe afirmar que não inserira as suas opiniões na notícia.”

A *apresentação de possibilidades conflituais* é outra maneira de o jornalista identificar os fatos, ou seja, procurar, sempre que possível, apresentar os dois lados de uma mesma questão; *provas auxiliares*, como trechos de documentos, também serve para aumentar a credibilidade da palavra do jornalista, uma vez que a localização e citação de fatos suplementares são, geralmente, tidos como verdadeiros.

O último procedimento de objetividade citado por Tchumam (1993) é a *estruturação da informação numa seqüência apropriada*, nada mais que a estruturação da notícia na forma da pirâmide invertida. Os fatos principais são apresentados na abertura da matéria, chamado *lead*, onde procura-se responder as perguntas: quem? Que? Como? Quando? Onde? E por quê? E o desenvolvimento do texto da notícia seria a descrição mais detalhada das informações citadas nos primeiros parágrafos, obedecendo a ordenação dos fatos mais importantes aos menos relevantes.

Classificação das fontes

Conhecer a fonte utilizada durante o processo de apuração da matéria é primordial. O profissional deve utilizar-se do bom senso para classificar sua fonte e saber qual o nível de credibilidade ela proporcionará à notícia.

O Manual da Redação, da Folha de São Paulo, distingue quatro tipos de fontes, segundo critérios de confiabilidade e ressalta que cada nível exige um tipo de apuração diferente antes da publicação do material.

Fonte tipo 0 – é aquela que não deixa margem para dúvidas e pode ser escrita com exatidão. São os trechos transcritos de documentos, enciclopédias renomadas, instituições de credibilidade, como por exemplo o IBGE. Esse tipo de fonte prescinde de cruzamento de informação.

Fonte tipo 1 – em se tratando de pessoa, é a fonte considerada como a mais confiável. De acordo com o Manual (2001, p.38), “fala com conhecimento de causa, está muito próximo do fato que relata e não tem interesses imediatos na sua divulgação.”

Fonte tipo 2 – apresenta as mesmas características da fonte anterior, contudo não tem o mesmo histórico de confiabilidade e deve sempre ter a informação cruzada com outro tipo de fonte.

Fonte tipo 3 – é a que apresenta menor grau de credibilidade. São, em geral, fontes bem informadas, mas que de certa forma têm interesse na publicação de seus argumentos. Em sua maioria, as fontes tipo 3 são representadas por políticos, economistas etc. Estas deve ser tratadas como ponto inicial de apuração de reportagem ou publicadas somente após criteriosa confirmação dos fatos e cruzamento de informações com fontes de maior confiança.

Notícias sobre religião

Tendo em vista que o objetivo central desse trabalho é a análise de matérias que envolve religião, cabe ressaltar aqui por que esse tema é considerado como notícia. Tido com um tema que “não se discute”, o assunto religião apresenta valores-notícia que o fazem merecedor de espaço no noticiário.

Proximidade cultural talvez seja um dos principais motivos para estar presente nos meios. Grande parte da humanidade apóia-se em bases e fundamentos religiosos e deles são retirados os conceitos de moral que regem o comportamento das sociedades. A relevância predomina no sentido de que a religião tem forte influência na vida das pessoas pelo mesmo motivo citado anteriormente.

Notícias sobre religião apresentam sempre grande notabilidade. Mesmo que seja apenas um líder religioso expressando uma opinião, esse fala por toda uma comunidade de adeptos. No Brasil, por exemplo, temas ligados ao catolicismo, religião predominante no país, envolvem e interessam um número expressivo de leitores.

AS ENCÍCLICAS NO NOTICIÁRIO

Para entender melhor como a mídia tem noticiado as encíclicas papais e qual o espaço e importância a elas destinados, foram analisadas as matérias publicadas de três encíclicas e em três veículos, todos da mídia impressa, mais especificamente os jornais.

O material estudado corresponde as seguintes cartas: “O Esplendor da Verdade” (*Veritatis Splendor*) de João Paulo II, anunciada em 06 de agosto de 1993, décimo quinto ano de seu Pontificado. Essa encíclica trata de questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja. A segunda carta, *Fides et Ratio*, também de João Paulo II, fala sobre as relações entre fé e razão e foi divulgada em 14 de setembro de 1998. A terceira e mais recente encíclica publicada que teve as matérias analisadas é “Deus é amor” (*Deus Caritas Est*) escrita pelo atual papa Bento XVI. A carta promulgada em 25 de dezembro de 2005 discursa sobre o amor cristão.

Os jornais Correio Braziliense, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo foram definidos como objetos de estudo e deles retiradas as matérias sobre as encíclicas para a análise. No total, pesquisou-se 34 matérias dentre reportagens, notas, editoriais e artigos, sendo 24 sobre “O Esplendor da Verdade”; 6 de *Fides et Ratio* e 4 de “Deus é amor”.

O Esplendor da Verdade

A encíclica “O Esplendor da Verdade” foi a carta que teve mais matérias publicadas. No período de 23 de setembro à 06 de novembro de 1993 foram encontradas 23 publicações nos três veículos citados anteriormente e uma publicada em 22 de junho de 1995, totalizando 24 objetos de estudo.

O jornal Correio Braziliense publicou 4 matérias, sendo:

- 01 Reportagem (“Nova encíclica diz que a Igreja sofre crise séria” – 23/11/1993);
- 01 Editorial (“A moral da democracia” - 07/10/1993);
- 02 Artigos doutrinários (“A moralidade pública” – 06/11/1993, de Dom José Freire Falcão e “A moral cristã” – 05/10/1993, de Dom Eugênio de Araújo Sales).

A única reportagem não contém assinatura, provavelmente foi produzida por agência de notícia. Escrita com os recursos textuais jornalísticos, apresenta lead e os fatos estão dispostos segundo o critério da pirâmide invertida. As fontes não foram identificadas como pode-se observar no trecho “Em Paris, **fontes autorizadas**² confirmaram que este texto...” e os outros trechos entre aspas encontrados no texto referem-se a partes da encíclica, utilizada nesse caso como fonte tipo zero. Publicada antes da divulgação do documento papal, observa-se na reportagem especulações sobre o conteúdo da carta e declarações de fontes em *off*.

Os dois artigos trazem as análises de dois líderes religiosos sobre o conteúdo da carta. Pela autoria dos artigos serem de especialistas na área religiosa, os textos ficam enquadrados na categoria de Jornalismo Opinativo – Artigo doutrinário.

Com tema que causou polêmica, principalmente entre os estudiosos e conhecedores do catolicismo, o Correio Braziliense registra sua posição no editorial publicado em 07 de outubro de 1993.

O jornal Folha de São Paulo teve o mesmo número de publicações que o veículo anterior, divididas nas seguintes categorias:

- 02 Reportagens (“Vaticano abre uma cruzada moral com a nova encíclica” e “Encíclica cobra obediência, diz d. Eugênio” – ambas de 06/10/1993);
- 01 Editorial (*Democratiae Splendor* – 07/10/1993);
- 01 Artigo doutrinário (“A verdade liberta” – 09/10/1993 de Dom Luciano Mendes de Almeida, colunista do jornal).

A primeira reportagem publicada na página 15 do jornal, editoria Mundo, traz cinco pequenas matérias. Três delas são de agências de notícias e duas do próprio jornal. As agências internacionais divulgam a repercussão do documento em diferentes partes do mundo. Já as matérias assinadas pela Folha de São Paulo buscaram as reações causadas pela encíclica junto a autoridades religiosas do Brasil como o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, e o frei Clodovis Boff. A utilização de fontes tipo 1 em todas as matérias auxiliou na credibilidade das informações, assim como a divulgação de opiniões opostas sobre o conteúdo do documento possibilitou uma visão positiva e negativa da carta. Porém, o desmembramento da reportagem em pequenas matérias, de diferentes veículos,

² Grifo nosso

fragmentou muito a informação. Como texto de apoio, o jornal publicou trechos da encíclica e um Box com os principais pontos da carta.

Já a segunda reportagem publicada na página seguinte apresentou o assunto de forma mais enriquecedora. Composta por uma matéria principal, de agências internacionais, sobre o lançamento e conteúdo da carta encíclica, um comentário de um jornalista da redação do jornal, um artigo de um advogado e um perfil do cardeal Joseph Ratzinger, atual papa Bento XVI, a reportagem conseguiu abranger num mesmo assunto explicações necessárias para uma objetiva análise do tema. Assim como na primeira reportagem descrita acima, essa também utilizou-se de fontes tipo 1 para maior credibilidade da matéria. Como texto de apoio, foi publicado pequeno Box com as encíclicas já publicadas pelo Papa João Paulo II.

Posicionando-se sobre o assunto, o jornal publicou, no dia seguinte ao das reportagens, o editorial “*Democratiae Splendor*” no qual demonstra-se contrário ao conteúdo da carta.

O artigo de D. Luciano Mendes de Almeida traz a contextualização do assunto e as características da encíclica *Veritatis Splendor*.

Com o maior número de matérias publicadas sobre o documento papal, o jornal O Estado de São Paulo divulgou:

- 04 Reportagens (“Encíclica de João Paulo II critica controle artificial da natalidade – 29/09/1993; “Vaticano divulga encíclica sobre moralidade” – 06/10/1993; “Encíclica é um claro adeus às ‘modernizações’ – 07/10/1993; “Para d. Luciano, encíclica serve à reflexão moral da Igreja Católica” – 08/10/1993);
- 01 Editorial (“Uma luz na crise” – 08/10/1993)
- 05 Artigos doutrinários (“A Igreja no teste do século 20” – 11/10/1993, de Karen Armstrong; “Encíclicas, caminhos de liberdade” – 18/10/1993, de Carlos Alberto Di Franco; “O dever e a coragem de falar” – 20/10/1993, de Dom Lucas Moreira Neves; “Outras palavras-chave” – 03/11/1993, de Dom Lucas Moreira Neves e “Ética, moral e verdade” – 22/06/1995, de Antonio Formaggio e Walter González).
- A íntegra da carta encíclica “*Veritatis Splendor*”, publicada em sete partes no período de 07/10/1993 à 15/10/1993.

Dos três veículos analisados, o jornal O Estado de São Paulo foi o único que publicou na íntegra toda a carta encíclica do Papa e também o que mais teve artigos sobre o tema nas páginas de opinião.

Assim como o Correio Braziliense, O Estado de São Paulo publicou uma matéria antes da divulgação do documento com suposições sobre seu conteúdo e declarações de uma fonte em off. Essa matéria foi assinada por Walter Schwarz, jornalista do “The Guardian”. A reportagem sobre o lançamento da encíclica, “Vaticano divulga encíclica sobre moralidade” e a outra sobre sua repercussão “Para d. Luciano, encíclica serve à reflexão moral da Igreja Católica” seguem a linha de objetividade jornalística com a utilização de lead, pirâmide invertida e fontes tipo 0 e 1.

Em contrapartida, a reportagem “Encíclica é um claro adeus às ‘modernidades’”, de Paulo Francis, apresenta características subjetivas e tendenciosas a começar pelo título da matéria. No desenvolvimento do texto encontram-se comentários como “... todas as aspirações da Igreja moderninha.” As opiniões do jornalista também ficam evidentes quando escreve “Agora que o comunismo terminou, João Paulo II deve considerar que a Igreja precisa voltar à sua missão pastoral,...”. Nenhuma fonte é citada na matéria. Da mesma forma, segue a matéria auxiliar dessa reportagem “‘Veritatis Splendor’ é considerada difícil”, do correspondente Rocco Morabito, composta de informações em terceira pessoa do plural, sem especificação das fontes: “As reações dos críticos são muito duras. Falam de um papa autoritário,...”. Quem são esses críticos?

Fides et Ratio

Fides et Ratio publicada cinco anos após a encíclica Esplendor da Verdade teve uma repercussão muito menor. Apenas seis matérias sobre a carta foram encontradas no período de 15 de outubro à 12 de setembro de 1998.

- 01 Reportagem (“Papa critica separação entre fé e razão” – 15/10/1998, de Clare Garner);
- 01 Editorial (“Idealismo Papal” – 18/10/1998);
- 04 Artigos doutrinários (“Pare, leia, reflita e conclua” – 18/10/1995, de Antonio Ermírio de Moraes, colunista da Folha de São Paulo; “As razões da fé” – 18/10/1998, de Mauro

Santayana; “Fé e Razão” – 22/10/1998, de Dom Demétrio Valentini e “Apelo à razão” – 12/11/1998, de Otávio Frias Filho).

A única reportagem encontrada tem autoria de jornalista que não integra o quadro de pessoal do veículo. Clare Garner, na época, trabalhava para o *The Guardian*. Essa reportagem apresenta lead e informações nos padrões da pirâmide invertida e trata somente da publicação da encíclica e seus principais pontos. A única fonte identificada na produção da matéria é a tipo zero, trechos da própria carta. Não foram encontradas as apresentações de possibilidades conflituais.

Como textos de apoio, a Folha de São Paulo publicou na mesma página uma pequena matéria sobre o Papa retirada de agências de notícias, mas que não tem ligação direta ao lançamento da encíclica e uma matéria assinada pela Redação que traz as opiniões de Frei Betto sobre a nova carta papal. Dois boxes foram utilizados para completar a reportagem: um com informações sobre as encíclicas já publicadas e outro explicando o que é uma encíclica.

Posicionando-se sobre o tema, o jornal Folha de São Paulo deixa sua contribuição para análise e interpretação da carta de João Paulo II. As demais explicações e opiniões sobre o documento ficaram a cargo dos artigos das páginas de opinião.

Nesta pesquisa não foram encontradas matérias publicadas no O Estado de São Paulo.

Deus é amor

A mais recente carta encíclica publicada é a titulada “Deus é amor”, de Bento XVI, que teve quatro matérias encontradas:

- 03 Reportagens (“Encíclica de Bento 16 tratará de amor” – 19/01/2006; “Bento XVI anuncia sua primeira encíclica” – 19/01/2006 e “Para o Papa, fé deve ‘iluminar’ política” – 26/01/2006);
- 01 Artigo doutrinário (“A teoria do amor de Bento 16” – 29/01/2006, de Luiz Felipe Ponde)

Em proporções, das cartas analisadas, essa foi a que mais teve reportagens publicadas. “Encíclica de Bento XVI 16 tratará de amor”, publicada na Folha de São Paulo, foi escrita com vários dos critérios de objetividade jornalística: apresenta lead, conteúdo disposto na forma de pirâmide invertida e apuração com fontes tipo 1. Sem se estender muito, a matéria conseguiu relatar todas as informações necessárias ao leitor sobre a publicação da carta e seu conteúdo.

Essas mesmas características foram encontradas na matéria publicada no mesmo dia no Correio Braziliense, porém limitou a apuração em uma só fonte, tipo 1, retirada de declaração dada pelo presidente do Conselho Pontifício pela Unidade dos Cristãos, o cardeal alemão Walter Kasper dada a Rádio Vaticano.

A reportagem de 26 de janeiro de 2006, “Para o papa, fé deve ‘iluminar’ política”, foi elaborada também com lead, pirâmide invertida e utilização de fontes tipo zero e um. Foi ilustrada com trechos da encíclica e um texto de apoio Saiba Mais que explica o que é o documento, sua origem e características.

Em nenhuma das três reportagens foram encontradas a apresentação de possibilidades conflituais.

Desta encíclica, também não foram encontradas matérias no jornal O Estado de São Paulo.

A IMPRENSA NÃO FALOU

Este trabalho iniciou falando das origens da comunicação. Fez um breve histórico sobre a evolução da comunicação na Igreja Católica, resumiu a história do cristianismo, caracterizou o Catolicismo. No capítulo seguinte, relembrou-se os conceitos básicos de notícia, sua estrutura e seus critérios de objetividade, para na próxima sessão analisar as matérias jornalísticas publicadas sobre três encíclicas papais.

Tendo como base os conceitos do capítulo dois e as análises do capítulo três, chega-se a uma conclusão nesse trabalho acadêmico sobre a publicação, no jornalismo impresso, das encíclicas papais: o que o Papa diz a imprensa não divulga.

Num universo de 34 matérias encontradas sobre o tema, apenas 11 eram reportagens. Reportagens produzidas por agências internacionais de notícias e remodeladas pelas redações. Dos critérios de objetividade, o único encontrado em todas as matérias foi a utilização de lead. Em sua maioria limitaram-se a divulgar a publicação das encíclicas e o assunto nelas tratado. O tema e a repercussão que a carta poderia trazer não foram tratados de maneira aprofundada, os jornais limitaram-se na utilização da fonte zero transcrevendo trechos das cartas.

Ora, as encíclicas são escritas por um papa, líder religioso, pessoa notável e que exerce influência sobre toda uma comunidade católica que tem como base os ensinamentos e preceitos morais ditados pela religião. Como pode, então, um veículo deter-se somente à trechos do documento para produzir uma matéria de relevância e com grande interesse social? Uma carta dirigida a todo clero da igreja e também aos católicos e praticamente não se encontra falas de representantes religiosos nas reportagens que tratam da divulgação da encíclica papal.

Não é defendido nesse trabalho que os meios de comunicação tomem partido nas matérias, nem que seja dito pelo jornalista se o tema da carta é justo, moralista, apelativo etc. Mas se outras fontes fossem ouvidas, como bispos, padres, leigos católicos, ateus, líderes de outras religiões, a questão do tema ficaria clara por si só e teríamos um material muito mais rico em informação e um texto mais atraente. As aspas ajudam a personificar a reportagem, a dar vida a ela. Pessoas gostam de saber o que outras pessoas falam. A transcrição literal de outros textos faz da leitura da matéria algo monótono e muitas vezes complicado de

entender. É como se numa matéria que divulga o resultado de um julgamento de um criminoso, ao invés de ouvir os advogados e familiares da vítima e do réu, fossem colocados os trechos da sentença que o condenou.

A linguagem utilizada por um líder de um segmento religioso vem carregada de conceitos doutrinários que nem sempre são compreendidos por grande parte dos leitores, principalmente àqueles que desconhecem o assunto. A presença de uma explicação de um teólogo nessas matérias provavelmente deixariam o assunto das cartas mais claros e esses especialistas poderiam inclusive contribuir com uma previsão da repercussão da carta dentro de toda uma comunidade.

Nas matérias analisadas nesse trabalho faltaram grande parte dos critérios de objetividade jornalística. Não aparecem apresentações de possibilidades conflituais. Quantas e quantas pessoas não são contra a proibição do aborto, a não utilização de métodos anticoncepcionais ou a favor de sexo antes do casamento? Por que essas pessoas não foram ouvidas pelos jornais? Como já descrito anteriormente, praticamente não encontra-se o uso judicioso de aspas. Quase ninguém fala nessas reportagens, salvo algumas poucas que contém uma fala de um bispo ou cardeal.

As cartas encíclicas são divulgadas dentro de um espaço de tempo razoavelmente longo. Entre uma e outra encontra-se períodos de até cinco ou seis anos. E justamente por não ser algo corriqueiro, por ser um documento de uma das principais instituições sociais do mundo e pelo grande número de pessoas que uma encíclica atinge e interessa, deveria ser dado um tratamento mais detalhado e apurado pelos meios de comunicação. A produção de uma boa matéria sobre o assunto romperia com a rotina de tantas e tantas reportagens que constantemente consomem espaços nas páginas dos jornais e que já não interessam tanto ao leitor pelo número de material publicado com o mesmo tema. Uma reportagem sobre a divulgação de uma encíclica poderia significar a leitura de algo novo, afinal o jornalismo trabalha com que é novidade.

Nos três casos estudados pode-se perceber que a função de noticiar e explicar as notícias ficou a cargo dos colaboradores que escreveram artigos a serem publicados nas páginas de opiniões. Esses colaboradores eram em sua maioria membros do clero católico, ou seja, esses artigos escritos por eles foram a aprovação das cartas. Um artigo já é um texto subjetivo e parcial e a publicação de

vários artigos, todos de autores que seguem uma mesma vertente também diminuíram o caráter objetivo dos veículos.

As cartas encíclicas possuem vários dos critérios de noticiabilidade e, como já explicado, os recursos textuais são vários para a produção de uma matéria consistente, interessante e com conteúdo. Contudo, os veículos não estão explorando devidamente o tema. Resume-no a notas ou a reportagens com pouca apuração ou repassam a responsabilidade para seus colaboradores interessados a enfatizar uma ideologia, sem explorar os dois lados da mesma moeda.

A impressão que se dá é que os veículos têm receio em divulgar um tema tão parcial quanto é a questão da religião. Concorde-se que o assunto dá margem ao partidarismo e o subjetivismo do jornalista ou da empresa. Dizem que futebol, religião e política não se discute. É verdade, mas o jornalismo não tem a função de discutir e sim de noticiar. Assim como política e futebol estão impressos nos jornais, religião também pode estar. São para os temas mais polêmicos e suscetíveis ao subjetivismo que foram estabelecidos os critérios de objetividade jornalística.

A utilização das aspas, as apresentações do contraditório, a argumentação das provas auxiliares existem, como disse Tchuman, para proteger o jornalista das acusações de falta de objetividade e excesso de opinião. Esses recursos devem ser explorados pelo jornalismo não só para as matérias com teor polêmico, mas para qualquer tipo de assunto noticiado. Além da função de proteção acima especificada, a objetividade proporciona ao leitor a oportunidade de formular suas próprias opiniões e de ter o conhecimento de todas as versões de um mesmo acontecimento em um só texto.

Religião tem como ser noticiada pelos jornais. Existem maneiras de torná-la um material objetivo, com conteúdo vasto e curioso. Pode ainda tornar-se assunto de grande interesse para os consumidores de notícia desde que seja relatada com segurança e após uma boa apuração.

O jornalismo tem à frente pautas interessantes que poderiam ajudar a equilibrar as reportagens de política, corrupção, economia e violência, mas parece que os olhos dos *gatekeepers* andam focados nas mesmices de todos os dias, enchendo as páginas dos jornais com as matérias que insistem em repetir e que não querem deixar espaço para o novo e para outros temas que possibilitem até mesmo um aumento de conhecimento e cultura para seus leitores.

Bibliografia

ADLER, Ronald B.; TOWNE, Neil. **Comunicação Interpessoal**. Rio de Janeiro: LTC. 1999.

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. **Cristianismo e Paidéia grega**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vdletras2/gilda.htm> . Acesso em 05.Abr.2006.

BOMBO, Frei Constantino (Org.). **Encíclicas e documentos sociais**. São Paulo: Ltr. 1993.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense. 1982.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral**. São Paulo: Saraiva, 1997.

DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2001.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras. 2000.

HEN, Ronaldo. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: ULBRA, 1996.

JAKES, Maria da Graça Correia, et. Cols. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes. 1998.

KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard S.; BALLACHEY, Egerton L. **O indivíduo na sociedade: um manual de psicologia social**. São Paulo: Pioneira. 1975. Vol II.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática. Série Princípios, 2002.

LEMAÎTRE, Nicole; QUINSON, Marie-Thérèse; SOT, Véronique. **Dicionário cultural do cristianismo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1999.

MANUAL da Redação: **Folha de São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes. 1985.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico**. In. Sergio Dayree Porto (Org). O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15. 1997.

PUNTEL, Joana T. **A igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SUZINA, Ana Cristina. Comunicação e Religião: desafios e perspectivas de um processo. **Revista Cultura Vozes**. Petrópolis, ano 94,v. 94, n. 2, p 141-147, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular. 2005. Vol II.

TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas.** In.Nelson Traquina (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e histórias.** Lisboa: Veja. 1993.

ANEXO A - Planilha utilizada para análise de objetividade das matérias

Matéria:
Autor:
Veículo:

1. O acontecimento / O fato / O assunto abordado

Agentes da Notícia: Executores: Promotores:														
Noticiabilidade <table><tr><td><input type="checkbox"/> Consonância</td><td><input type="checkbox"/> Threshold</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Intensidade absoluta/ aumento de intensidade</td><td><input type="checkbox"/> Inequivocidade</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Significância</td><td><input type="checkbox"/> Proximidade Cultural/ relevância</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Continuidade</td><td><input type="checkbox"/> Imprevisibilidade</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Referência a nações de elite</td><td><input type="checkbox"/> Composição</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Referência a pessoas</td><td><input type="checkbox"/> Ref. a pessoas de elite</td></tr><tr><td></td><td><input type="checkbox"/> Ref. a algo negativo</td></tr></table>	<input type="checkbox"/> Consonância	<input type="checkbox"/> Threshold	<input type="checkbox"/> Intensidade absoluta/ aumento de intensidade	<input type="checkbox"/> Inequivocidade	<input type="checkbox"/> Significância	<input type="checkbox"/> Proximidade Cultural/ relevância	<input type="checkbox"/> Continuidade	<input type="checkbox"/> Imprevisibilidade	<input type="checkbox"/> Referência a nações de elite	<input type="checkbox"/> Composição	<input type="checkbox"/> Referência a pessoas	<input type="checkbox"/> Ref. a pessoas de elite		<input type="checkbox"/> Ref. a algo negativo
<input type="checkbox"/> Consonância	<input type="checkbox"/> Threshold													
<input type="checkbox"/> Intensidade absoluta/ aumento de intensidade	<input type="checkbox"/> Inequivocidade													
<input type="checkbox"/> Significância	<input type="checkbox"/> Proximidade Cultural/ relevância													
<input type="checkbox"/> Continuidade	<input type="checkbox"/> Imprevisibilidade													
<input type="checkbox"/> Referência a nações de elite	<input type="checkbox"/> Composição													
<input type="checkbox"/> Referência a pessoas	<input type="checkbox"/> Ref. a pessoas de elite													
	<input type="checkbox"/> Ref. a algo negativo													

2. A notícia / A apuração e narrativa preliminar do acontecimento

Gênero jornalístico: <table><tr><td><input type="checkbox"/> Jornalismo analítico/ Opinativo</td><td><input type="checkbox"/> Jornalismo Crítico</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Jornalismo de serviços</td><td><input type="checkbox"/> Jornalismo Econômico</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Jornalismo Político</td><td><input type="checkbox"/> Jornalismo de Entretenimento</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Jornalismo Científico</td><td><input type="checkbox"/> Jornalismo Eletrônico</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Jornalismo Cultural</td><td><input type="checkbox"/> Noticiário Policial</td></tr></table>	<input type="checkbox"/> Jornalismo analítico/ Opinativo	<input type="checkbox"/> Jornalismo Crítico	<input type="checkbox"/> Jornalismo de serviços	<input type="checkbox"/> Jornalismo Econômico	<input type="checkbox"/> Jornalismo Político	<input type="checkbox"/> Jornalismo de Entretenimento	<input type="checkbox"/> Jornalismo Científico	<input type="checkbox"/> Jornalismo Eletrônico	<input type="checkbox"/> Jornalismo Cultural	<input type="checkbox"/> Noticiário Policial											
<input type="checkbox"/> Jornalismo analítico/ Opinativo	<input type="checkbox"/> Jornalismo Crítico																				
<input type="checkbox"/> Jornalismo de serviços	<input type="checkbox"/> Jornalismo Econômico																				
<input type="checkbox"/> Jornalismo Político	<input type="checkbox"/> Jornalismo de Entretenimento																				
<input type="checkbox"/> Jornalismo Científico	<input type="checkbox"/> Jornalismo Eletrônico																				
<input type="checkbox"/> Jornalismo Cultural	<input type="checkbox"/> Noticiário Policial																				
Gênero de texto jornalístico: <table><tr><td><input type="checkbox"/> Reportagem</td><td><input type="checkbox"/> Reportagem especial</td><td><input type="checkbox"/> Entrevista ping-pong</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Entrevista ponto-a-ponto</td><td><input type="checkbox"/> Entrevista texto corrido</td><td><input type="checkbox"/> Perfil</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Entrevista exclusiva</td><td><input type="checkbox"/> Resenha jornalística</td><td><input type="checkbox"/> Artigo</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Comentário</td><td><input type="checkbox"/> Coluna miscelânea</td><td><input type="checkbox"/> Coluna especializada</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Crônica</td><td><input type="checkbox"/> Furo de reportagem</td><td><input type="checkbox"/> Feature / Soft new</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Flash</td><td><input type="checkbox"/> Personagem da notícia</td><td><input type="checkbox"/> Repercussão</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> Suíte</td><td><input type="checkbox"/> Serviço</td><td><input type="checkbox"/> Efeméride</td></tr></table>	<input type="checkbox"/> Reportagem	<input type="checkbox"/> Reportagem especial	<input type="checkbox"/> Entrevista ping-pong	<input type="checkbox"/> Entrevista ponto-a-ponto	<input type="checkbox"/> Entrevista texto corrido	<input type="checkbox"/> Perfil	<input type="checkbox"/> Entrevista exclusiva	<input type="checkbox"/> Resenha jornalística	<input type="checkbox"/> Artigo	<input type="checkbox"/> Comentário	<input type="checkbox"/> Coluna miscelânea	<input type="checkbox"/> Coluna especializada	<input type="checkbox"/> Crônica	<input type="checkbox"/> Furo de reportagem	<input type="checkbox"/> Feature / Soft new	<input type="checkbox"/> Flash	<input type="checkbox"/> Personagem da notícia	<input type="checkbox"/> Repercussão	<input type="checkbox"/> Suíte	<input type="checkbox"/> Serviço	<input type="checkbox"/> Efeméride
<input type="checkbox"/> Reportagem	<input type="checkbox"/> Reportagem especial	<input type="checkbox"/> Entrevista ping-pong																			
<input type="checkbox"/> Entrevista ponto-a-ponto	<input type="checkbox"/> Entrevista texto corrido	<input type="checkbox"/> Perfil																			
<input type="checkbox"/> Entrevista exclusiva	<input type="checkbox"/> Resenha jornalística	<input type="checkbox"/> Artigo																			
<input type="checkbox"/> Comentário	<input type="checkbox"/> Coluna miscelânea	<input type="checkbox"/> Coluna especializada																			
<input type="checkbox"/> Crônica	<input type="checkbox"/> Furo de reportagem	<input type="checkbox"/> Feature / Soft new																			
<input type="checkbox"/> Flash	<input type="checkbox"/> Personagem da notícia	<input type="checkbox"/> Repercussão																			
<input type="checkbox"/> Suíte	<input type="checkbox"/> Serviço	<input type="checkbox"/> Efeméride																			

Recursos de apuração:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Informação cruzada | <input type="checkbox"/> Off Checado | <input type="checkbox"/> Bairrismo |
| <input type="checkbox"/> Fonte tipo 0 | <input type="checkbox"/> Off the Record | <input type="checkbox"/> Boato noticioso |
| <input type="checkbox"/> Fonte tipo 1 | <input type="checkbox"/> Off total | <input type="checkbox"/> Pesquisa de opinião |
| <input type="checkbox"/> Fonte tipo 2 | <input type="checkbox"/> On | <input type="checkbox"/> Vazamento |
| <input type="checkbox"/> Fonte tipo 3 | <input type="checkbox"/> Setorista | <input type="checkbox"/> Bastidor |
| <input type="checkbox"/> Off simples | <input type="checkbox"/> Provas auxiliares | <input type="checkbox"/> Projetos oficiais |
| | | <input type="checkbox"/> Contraditório |

Recursos de texto:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ambientação | <input type="checkbox"/> Lead completo | <input type="checkbox"/> Lead emotivo |
| <input type="checkbox"/> Emoção | <input type="checkbox"/> Lead simples | <input type="checkbox"/> Contextualização |
| <input type="checkbox"/> Gancho | <input type="checkbox"/> Lead chavão / Lead release | <input type="checkbox"/> Brincadeira |
| <input type="checkbox"/> Pirâmide normal | <input type="checkbox"/> Lead direto | <input type="checkbox"/> Uso judicioso de aspas |
| <input type="checkbox"/> Pirâmide invertida | <input type="checkbox"/> Lead composto | <input type="checkbox"/> Bairrismo |
| <input type="checkbox"/> Lead literário | <input type="checkbox"/> Lead citação | <input type="checkbox"/> Empatia |

3. A edição / apresentação e narrativa final do acontecimento**Recursos de edição:**

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Manchete de primeira | <input type="checkbox"/> Ilustração | <input type="checkbox"/> Manchete com sutiã |
| <input type="checkbox"/> Olhos | <input type="checkbox"/> Manchete de página | <input type="checkbox"/> Foto de terceiros |
| <input type="checkbox"/> Foto própria | <input type="checkbox"/> Fotos de arquivo | <input type="checkbox"/> Cobertura especial |
| <input type="checkbox"/> Vinhetas | <input type="checkbox"/> Coordenada | <input type="checkbox"/> Editoria de emergência |
| <input type="checkbox"/> Editorial | <input type="checkbox"/> Gaveta | <input type="checkbox"/> Artigos de especialistas |
| <input type="checkbox"/> Cronologia | <input type="checkbox"/> Comentário | <input type="checkbox"/> Matéria paga |
| <input type="checkbox"/> Carta do leitor | <input type="checkbox"/> Povo Fala | <input type="checkbox"/> Polêmica |
| <input type="checkbox"/> Assinatura | <input type="checkbox"/> Trovão | <input type="checkbox"/> Texto de apoio |
| <input type="checkbox"/> Tabelas / gráficos | <input type="checkbox"/> Registro | <input type="checkbox"/> Personagens |
| <input type="checkbox"/> Sangria e alteração de fonte | <input type="checkbox"/> Grandes números | <input type="checkbox"/> Página dupla |
| <input type="checkbox"/> Página par | <input type="checkbox"/> Coluna falsa | <input type="checkbox"/> Box / Itálico |
| | <input type="checkbox"/> Página Ímpar | |

4. Análise da objetividade**Atributos formais do texto:**

I – Verificação

II – Apresentação de possibilidades conflituais.

III – Apresentação de provas auxiliares com citação de fatos suplementares tidos como verdadeiros diretamente relacionado ao fato noticioso.

IV – Uso judicioso das aspas

V - Estrutura da informação numa seqüência apropriada

VI – A atribuição dada editorialmente a matéria: Grande reportagem; Comentário; Reportagem Comportamental ou Resenha.

ANEXO B – Matérias analisadas no capítulo três.

